
Crónica de onomástica paleo-hispânica (10)

ANTÓNIO MARQUES DE FARIA

R E S U M O As entradas agora publicadas, num total que se aproxima das duas dezenas, continuam a referir-se maioritariamente a NNP, se bem que a vertente toponímica da onomástica paleo-hispânica tenha merecido uma maior atenção do que em artigos anteriores.

A B S T R A C T As in preceding reviews, most of the entries are about Iberian personal names. However, in this paper, palaeo-Hispanic place names deserve more attention than in previous occasions.

ANDVGEP. Moedas. **Cantnipo*/**Beuipo* (Alcácer do Sal, Setúbal). Faria, 1992, p. 44.

Se, para o primeiro segmento deste NP, o melhor paralelo continua a ser **anduaCui/annduaCui** (CNH 346:36-37) (Faria, 1992, p. 44, 1994a, p. 39, n.º 44, 1995a, p. 79, 1996, p. 152, 2003a, p. 213), até hoje, não nos foi possível apresentar nenhum nome próprio paleo-hispânico susceptível de incluir algum componente que admita um cotejo razoável com -GEP; os que aventámos noutras ocasiões (Faria, 1989a, p. 86, 1992, p. 44) devem ser sumariamente rejeitados. O único paralelo que nos ocorre, e que fornecemos com as devidas cautelas, é GAEP, o *cognomen* de um liberto pertencente a um *collegium* de dez *magistri* atestado numa inscrição descoberta no Castillo de la Concepción, em Cartagena (Abascal e Ramallo, 1997, p. 71-77, n.º 1; Beltrán Lloris, 2004, p. 153, n. 18, 161). Caso se venha a confirmar a pertinência de comparação aqui ensaiada, ANDVGEP consistiria no resultado da evolução de **Andugaip*, por monotongação de /ae/ < /aj/. O facto de a oclusiva bilabial em presença ser surda exclui praticamente a eventualidade de ANDVGEP pertencer à antroponímia ibérica. Uma tal exclusão é corroborada pela associação de ANDVGEP ao já citado **anduaCui**, NP presumivelmente turdetano (Faria, 1992, p. 44-45). Não sabemos, em contrapartida, que significado atribuir à circunstância de *andu* também ocorrer em **andu** (Siles, 1985, p. 58, n.º 152) e em ANDVMOBIOS (Siles, 1985, p. 58, n.º 152; Abascal Palazón, 1994, p. 275) (Faria, 1989a, p. 86). Enquanto o primeiro se encontra documentado no povoado ibérico de Cabezo de Alcalá (Azaila, Teruel), o segundo foi identificado no santuário celtibérico de Peñalba de Villastar (Teruel), pelo que qualquer deles, mas sobretudo **andu**, NP presumivelmente abreviado, é passível de ser considerado ibérico (*contra*, Untermann, 1979, p. 60, Tafel 9.5.; De Hoz, 1993, p. 654).

ASTEDVMA. Estela de grés. Algimia de Almonacid (Castelló). Corell, 2005, p. 52-53, n.º 11.

Corell foi o primeiro a ler ASTEDVMA (nom.) onde outros leram ASTEDVMAE (dat.). Se tudo o que se disser sobre DVMA é muito conjectural (nem sequer é certo que estejamos na presença de um formante onomástico ibérico latinizado), no que ao componente ASTE diz respeito, cremos que Josep Corell se equivocou em quase todos os paralelos a que recorreu, na esteira de outros autores (Siles, 1985, p. 71-72, n.º 207, com a bibliografia precedente). Efectivamente, nem *Astinus* nem *Asdabal* nem **Astolpas* (Faria, 1990-1991, p. 83, 1994b, p. 70, 2004a, p. 303) nem *Astapa* nem *Astigi* (Faria, 2003a, p. 211) parecem atestar o elemento em causa. Os únicos paralelos seguros para ASTE encontram-se nos NNP **astebeice** (F.6.1) (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 128, 2004a, p. 303) e SIR[A]STEIVN < **sirasteiun*/**sirasteiun* (Faria, 1997, p. 110, 2000a, p. 123, 2002a, p. 129, 2004a, p. 309). Não podemos, pois, deixar de questionar o reenvio, por parte de Untermann (*MLH* III 1, p. 211), de ASTEDVMAE (*sic*) para um pretense composto ibérico **astertumai* ou *astertumbar*. Ainda mais desventurada é a remissão de ASTEDVMAE (*sic*) para **astertembar* (Rodríguez Ramos, 2002a [2003a], p. 255), já que esta assentaria, como dificuldade acrescida, numa inusitada mudança vocálica de /e/ para /u/ alegadamente ocorrida na primeira sílaba do segundo componente. Mais razoável, mas ainda assim bastante discutível, é a nossa proposta, em parte tributária da de Untermann, no sentido de procurar a origem de ASTEDVMAE (*sic*) em ***asteduYbaís** (Faria, 2000a, p. 128).

bendian. Moedas. Ceca indeterminada (*Mendi?*). *CNH* 257:1-8.

Não vamos aqui insistir na argumentação por nós evocada com vista a relacionar esta legenda monetária com o apelativo paleobasco **bendi*, correspondente a “montanha”/“monte” (Faria, 2001a, p. 98-99, 2002a, p. 125). A razão de ser destas linhas reside na necessidade de esclarecermos duas questões suscitadas pelo recente (e algo apressado) tratamento dado por Jordán Cólera (2004, p. 205 e n. 46) à sobredita legenda, que tem por celtibérica. Assim, não estamos em condições de confirmar que:

- a) alguma vez (nem em 2001 nem em 2002) **mendian** tenha sido a transliteração que demos a **bendian**;
- b) o professor Francisco Villar tenha feito acompanhar o despropositado processo de intenções que nos moveu, acusando-nos injustamente de tentativa de manipulação político-ideológica (Villar, 2002, p. 186-187), pela demonstração da impossibilidade de tanto **bendian** como a etimologia do NL (**bendi* > *Mendi*) que lhe subjaz se integrem no âmbito da língua paleobasca.

Aliás, a nossa interpretação apresenta sobre a de F. Villar a vantagem de limitar a uma só língua a procura de uma explicação etimológica e morfológica para a legenda monetária em apreço.

Bilistages*/Bilistagis*. Liv. 34.11.2; 34.12.7.

Albertos (1966, p. 54), Untermann (*MLH* III 1, p. 232), Correa (1992, p. 261, 1994, p. 269), Panosa (1996, p. 233), Quintanilla (1998, p. 93, 149, 243), Vallejo Ruiz (2001, p. 403) e Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 257, 269) não conferiram nenhuma relevância ao facto de BILISTAGE (Liv. 34.11.2), nome de um régulo dos Ilergetas, se encontrar em abl., além de parecerem ter ignorado, por outro lado, que, no capítulo seguinte, Tito Lívio (34.12.7) se volta a referir ao mesmo indivíduo, mas, desta vez, em dat.: BILISTAGI.

Dada a impossibilidade de o nom. de BILISTAGI (dat.)/BILISTAGE (abl.) ter sido BILISTAGE, aquele só pode ter assumido uma das seguintes formas: **Bilistages* (que é a opção de Schuchardt [1909, p. 241], entre outros autores) ou **Bilistagis*.

Não faz, pois, nenhum sentido encarar BILISTAGE (abl.) como a abreviação latinizada de **Bilistager*, tal como, à excepção de María Lourdes Albertos, postularam os investigadores citados no início da presente entrada. Na eventualidade de ser **Bilistager* o NP em nom., esperar-se-ia que a declinação do mesmo em dat. e em abl. fosse, respectivamente, **Bilistager(r)i* e **Bilistager(r)e*, se tomarmos como termos de comparação BAESISCERIS (gen.) (Albertos, 1966, p. 47), TANNEGISCERRIS (gen.) (Albertos, 1966, p. 220), TANNEPAESERI (dat.) (Albertos, 1966, p. 220) e TASCASECERIS (gen.) (Albertos, 1966, p. 222) em detrimento de LACERILIS (gen.) (Albertos, 1966, p. 127), porquanto a remissão deste último NP para **lacerildir* (MLH III 1, p. 238; Panosa, 1996, p. 233; Quintanilla, 1998, p. 243; Faria, 2000a, p. 133) não está completamente assegurada; Correa (1994, p. 274), por exemplo, procurou a origem de LACERILIS (gen.) em **lacerildi*, se bem que uma latinização de **lacerildirs*, estribada na comparação com **bigildirs** (C.2.3), não possa ser descartada.

De resto, nem sequer é possível apurar qual o traço de sonoridade da oclusiva velar pertencente ao formante onomástico ibérico **taCer**, sendo certo que o caso a que nos vimos referindo não é susceptível de ser esgrimido como testemunho num sentido ou noutro.

Dando por provado que o nom. correspondente a BILISTAGI (dat.)/BILISTAGE (abl.) pode variar entre **Bilistages* e **Bilistagis*, o NP ibérico (não-latinizado) subjacente não pode ser senão **belestages* ou **belestagis*.

Do nosso ponto de vista, não tem cabimento rebater a identificação do primeiro formante com **beles**, que foi propugnada por Albertos Firmat (1966, p. 54, 263, 1983, p. 876), mediante a exibição de **bilos** (Quintanilla, 1998, p. 93, 179; Vallejo Ruiz, 2001, p. 403) ou **bilis** (Panosa, 1996, p. 233) como alternativas. Efectivamente, a existência de numerosos casos em que, independentemente das causas que possam ser encontradas para tal fenómeno, o signo lat. <i> <e> ocorre no lugar de ib. <e> (Quintanilla, 1998, p. 179) leva-nos a apoiar o parecer emitido por María Lourdes Albertos.

bolscen. Moedas. **Bolsce* (Huesca). CNH 211:1-15.

Antes de mais, temos de manifestar a nossa surpresa pelo facto de Carlos Jordán Cólera (2004, p. 206-207) ter incluído a legenda monetária não-indoeuropeia **bolscen** (*sic*) nos “documentos en lengua celtibérica y signario paleohispánico” (Jordán Cólera, 2004, p. 181), inclusão que é refutada por todos os argumentos de que ele próprio faz uso.

Tal como sucede noutras ocasiões, também aqui Jordán Cólera (2004, p. 206-207) elidiu a numerosa literatura produzida em torno dos problemas epigráfico-linguísticos levantados pela legenda em causa, e que foi por nós reunida em dois artigos redigidos nos últimos anos (Faria, 2003a, p. 218-219, 2004b, p. 178), figurando o primeiro destes na bibliografia final (Jordán Cólera, 2004, p. 463). A uma tal insuficiência se deverá talvez a circunstância de ficarmos sem saber em que fontes se baseou Jordán Cólera (2004, p. 206) para asseverar que *-sken* identifica o gen. pl. basco. De igual modo, só uma informação bibliográfica deficitária poderá ter justificado a atribuição a J. de Hoz (1995a, p. 274-275) (Jordán Cólera, 2004, p. 205 e n. 45) da individualização na supracitada legenda de um sufixo de loc. sg., quando esta foi uma ideia defendida desde meados do século passado por J. Caro Baroja (1947, p. 233 = 1985, p. 159, 1954, p. 741).

Ao contrário do que Jordán Cólera (2004, p. 206) deu a entender, a análise empreendida por Javier de Hoz (2002a) sobre a sequência de sufixos **-scen**, desenvolvida a partir de um texto (não citado por Jordán) redigido em 1998 (De Hoz, 2002b), não é particularmente inovadora, já que foi precedida em vários anos pelo estimulante estudo assinado por Santiago Pérez Orozco (1993,

p. 225-227). Conquanto não tenha obtido a divulgação merecida, foi este trabalho que serviu de base às nossas reflexões atinentes ao mesmo tema (Faria, 2002b, p. 234, 2003b, p. 319), tendo as primeiras sido publicadas em simultâneo com o mencionado artigo do professor De Hoz (2002a).

Nem o texto de Pérez Orozco nem os nossos foram objecto de referência por parte de Jordán Cólera; é certo que tão-pouco constam do livro da autoria de Jesús Rodríguez Ramos (2004a, p. 339), mas esta é uma ausência que, infelizmente, está muito longe de nos surpreender.

Não obstante o vencimento que tem feito em numerosos textos, a segmentação de **sedeiscen** (CNH 219:1-4, 7-9) em **sedeis-scen** ou **sedeis-cen** (v., nos últimos anos, Burillo, 2001, p. 193, 194; Beltrán Lloris e Beltrán Lloris, 2004, p. 36), agora também adoptada por Carlos Jordán Cólera (2004, p. 207), deve ser descartada de uma vez por todas em favor de **sedei-scen** (Faria, 1993a, p. 147). Esta nossa segmentação foi secundada por Jesús Rodríguez Ramos, que, como não podia deixar de ser, num texto destinado a insultar-nos (Rodríguez Ramos, 2002b [2003b], p. 39), omitiu a bibliografia precedente.

Se **ausescen** configura um gen. pl. ibérico (Jordán Cólera, 2004, p. 206), só AVSETANORVM, e não o nom. pl. AVSETANI (Jordán Cólera, 2004, p. 207), pode conformar a latinização daquele NE. Admitindo, por outro lado, que **Laeetanorum* < LAEETANI (K/J-31, p. 97) corresponde, em ibérico, a **laiescen** (Jordán Cólera, 2004, p. 207), **Boletanorum* < **Boletani* deverá remeter para **bolescen* (Faria, 2003a, p. 219); de outro modo, a derivação expectável de **bolscen** seria **Boltanorum* < **Boltani*, e não **Boletanorum* < **Boletani*.

Importa ainda observar que, na eventualidade, advogada por Jordán (2004, p. 207), de **bolscen** ser segmentável em **bol-scen**, o nome indígena de Huesca não começaria por **bol-** (Jordán Cólera, 2004, p. 207), mas confinar-se-ia a **bol*.

Como corolário das apreciações formuladas a propósito da legenda monetária objecto desta entrada, Jordán Cólera (2004, p. 207) mostrou-se convencido de que OSCA constitui uma designação toponímica de origem itálica, completamente distinta e independente, pois, do NE que se oculta detrás de **bolscen** e — não o esqueçamos — de **olscen** (CNH 211:7) (Faria, 2003a, p. 218-219); muito nos admiraríamos, porém, que assim fosse. Como contextualizar historicamente uma tão implausível duplicação toponímica?

Assim, dadas as fragilidades de que padece a interpretação da legenda **bolscen** fornecida por Jordán Cólera, pelos motivos que aduzimos noutras ocasiões (Faria, 2003a, p. 218-219, 2004b, p. 178), parece-nos preferível considerar a seguinte evolução fonética: **bolesce* > **bolśce* > **olśce*; a latinização de **olśce* em OSCA não oferece dificuldades de qualquer espécie (Corominas, 1972a, p. 273).

Jordán Cólera (2004, p. 207) não teria perdido muito tempo se tivesse recordado aos leitores do seu manual que o NL ibérico subjacente a OSCA já tinha sido comparado (mas não identificado) com **bole*, tendo a existência deste último sido deduzida a partir do NE BOLETANVS (Faria, 2003a, p. 219). Talvez por mera casualidade, até hoje não se encontra testemunhada na epigrafia a existência de **Boletum* ou **Boleta*, formações latinizantes que seriam passíveis de comparação com TOLETVM < **Toletanus/i* < TOLE (Jacob, 1986, p. 277; Faria, 1987, p. 25, 1998a, p. 246) e com EDETA (abl.)/Ἠδέτα < EDETANI < **ede* (Faria, 1993b, p. 143, 1995b, p. 94, 2003a, p. 220). Este último caso foi objecto de uma extensa análise por parte de Pierre Moret (2004, p. 53-56), que, não obstante, omitiu quem identificou a forma do primitivo NL ibérico e quem sustentou ser EDETA/Ἠδέτα um NL criado regressivamente a partir do NE EDETANI (Faria, 1993b, p. 143, 1995b, p. 94, 2003a, p. 220; *contra*, Corell, 1996, p. 39, n. 25, e Burillo, 1998, p. 150, que postulam a evolução diametralmente oposta: EDETANI < EDETA/Ἠδέτα). Tal como sucedeu connosco nos três textos supracitados, o investigador francês em causa tão-pouco se deu conta de que, além de figurar na obra de Ptolemeu (2.6.62), o NL EDETA conhece um testemu-

nho epigráfico latino em abl., ainda para mais datado de finais do século I d.C., anterior, portanto, à obra do geógrafo alexandrino (Corell, 2005, p. 61-63, n.º 19).

Jesús Rodríguez Ramos foi o primeiro investigador a propugnar a transliteração do último silabograma da legenda em apreço como <ce> (Rodríguez Ramos, 2000, p. 44, 45, n. 6, 53), tendo-o feito num artigo cujo título, inexplicavelmente, não figura em parte alguma do livro de Jordán Cólera (2004), nem sequer na bibliografia final. No dito trabalho, Rodríguez Ramos julgou ter detectado em **bolścēn** determinadas características morfológicas mutuamente exclusivas — sufixo do gen. ibérico **-en** ou, em alternativa, uma haplogogia de **bolścēcen** (Rodríguez Ramos, 2001-2002 [2003], p. 433); no entanto, ao carecerem ambas de qualquer paralelo no âmbito da epigrafia monetária ibérica (Faria, 2004b, p. 178), afigura-se mais ajustada a interpretação de **bolścēn** como NL acompanhado de sufixo de loc. sg.: **bolśce-n** (Faria, 2004b, p. 178).

etogiśa. Moedas. Localização indeterminada. CNH 51:96-100.

Nesta ocasião, vale a pena recordar que foi Manuel Gómez-Moreno (1934, p. 184, 1949, p. 181; Vallejo, 1946, p. 261-262, 1947, p. 207) o primeiro a transliterar correctamente esta legenda monetária. Pouco tem sido escrito sobre este nome, que, mais de meio século depois da leitura de Gómez-Moreno, continuou a ser erroneamente lido, com **bastokiśa** a ter recolhido, entre outras transliterações equivocadas (**ketouśa** [Silgo Gauche, 1994, p. 105; Villar, 2000, p. 284, 288, 423] é uma delas), a preferência de diversos especialistas (Siles, 1985, p. 107, n.º 376; Silgo Gauche, 1994, p. 69; Untermann, *MLH* III 1, p. 215, n. 28; Quintanilla, 1998, p. 114, n. 16; Pérez Vilatela, 2003, p. 58). Também Javier de Hoz (2002a, p. 163, n. 19) admitiu a existência de uma dracma que leva como letreiro **bastokiśa**, tendo-o considerado uma variante excepcional (única) de **etokiśa**. De pouco terá valido a advertência lançada por Tovar (1951, p. 295), segundo a qual **bastogiśa** era “mala lección de **etogiśa**”.

Do nosso ponto de vista, há que decompor **etogiśa** em **eto-giś-a**. Em trabalho recente, o seu primeiro formante foi por nós assimilado a ETON < ib. *eton (Faria, 2002b, p. 234), que ocorre como componente final em dois NNP femininos, BILESETON (*beleşeton) e SERGIETON (*selgieton), tendo este último NP sido, durante mais de um século, erradamente lido como SERGETON (Faria, 2003a, p. 216, com a bibliografia precedente, à qual será necessário acrescentar Schuchardt [1909, p. 241]). Sem que saibamos bem porquê, Untermann (*MLH* III 1, p. 216, 231) entendeu que ETON não passaria de um sufixo.

A individualização do formante onomástico **giś**, em **bangiś** (G.7.2), **boistingiś** (G.1.1) (Faria, 1990-1991, p. 77, 79, 1991a, p. 190, 1994b, p. 66, 67, 70, 1995c, p. 327, 1997, p. 107, 2000b, p. 64, 2002a, p. 130), IGALGHIS (*CIL* II²/5, 415) (Schmoll, 1959, p. 7, n. 5, 62; Lafon, 1963, p. 403; Faria, 2005, p. 164) e **ildirgiś** (Solier, 1979, p. 83; Faria, 1995c, p. 327, 2000b, p. 64), reforçada pela presença de <ś>, indicativa de limite de morfema (Correa, 2001, p. 307 e n. 17), induz-nos a reconhecer em **etogiśa** um NL. Deste modo, *-a* conformaria, no caso vertente, o mesmo sufixo topónimoico que detectámos nos>NNL ibéricos EGARA (*egar-a), **ildicir-a** e Λάσσιρα (*lasir-a) (Faria, 2000a, p. 132), devendo esta última forma dar, talvez, lugar a *Lessera < *lesir-a. Nada obsta a que este último NL seja cognato do NP ibérico **leisir** (Solier, 1979, p. 80, 85; Solier e Barbouteau, 1988, p. 72; Faria, 1995c, p. 326, 2001a, p. 99), mas não foi este o parecer de García Alonso (2003, p. 374), que atribuiu Λάσσιρα/*Lessera à toponímia indo-europeia ou mesmo céltica.

Voltando ao nosso NL, se atentarmos na distinção dos signos de sibilante, melhor será afastar, desde já, qualquer parentesco entre **etogiśa** e o NP **angisa** (H.9.1), que se deve decompor em **angi-sa** em detrimento de **angi-(gi)sa** (*contra*, Faria, 2005, p. 163). Diversamente do que sucedia há alguns anos, não estamos agora em condições de asseverar que **angisa** configura um NP não-ibérico, mais

especificamente turdetano (Faria, 1990-1991, p. 81, 2001b, p. 206; De Hoz, 1993, p. 655). Hoje acreditamos, pelo contrário, que **angisa**, tal como **angionís**, NP que identifica um magistrado de *Abra* (CNH 355:1-4), e que reputámos igualmente turdetano (Faria, 1990-1991, p. 81, 1991b, p. 18, 1995a, p. 79, 2001b, p. 206), denota alguns indícios de pertencer à onomástica ibérica (Faria, 2005, p. 163). Do nosso ponto de vista, a perduração do componente *Angi-* na onomástica basca medieval (Corominas, 1972a, p. 250; Michelena, 1997⁵, p. 49, n.º 56) poderá também apontar no mesmo sentido.

Além dos três casos supracitados, é de admitir que o sufixo presente em **etogísa** ocorra igualmente em **bersa** (CNH 439:1-2), **euštibaicula** (CNH 187:1-4, 13) e **otobeśa*, caso este último NL não se limite apenas a **otobeś* < **oto-beś* (Faria, 1995c, p. 327, 328, 2000a, p. 126, 2003b, p. 326). Como observação marginal à questão que aqui nos ocupa, aos NNP por nós enumerados que ostentam **beś** entre os seus componentes haverá provavelmente que acrescentar *Orpes(a)* (1204) < **aurbeś* (Michelena, 1969/1987, p. 101, n. 56). A confirmar-se uma tal análise, o caso vertente constituiria mais um exemplo, atestado na onomástica basca medieval, do ensurdecimento da oclusiva bilabial sonora após vibrante (Orpustan, 1999, p. 90, 94, 196, 197). *Harpes*, patronímico atestado na cidade de Baiona em 1730, poderá igualmente constituir mais uma ocorrência de **beś** (*contra*, Iglesias, 2000, p. 290, 300).

Registe-se, a título de mera curiosidade, que Jairo Javier García Sánchez (1999, p. 99, 201-202) não evidenciou qualquer hesitação em decompor **otobeśa* em **otob-esa*, sem se aperceber de que, com tal análise, estava a descartar duplamente, através da individualização de **otob* (?) e de um sufixo **-esa* (?), “presente en otros muchos topónimos prerromanos [sic]”, uma adscrição à língua ibérica do NL em causa. Se houve efectivamente um sufixo “pré-romano” (hispânico) *-esa* (Coromines, 1997, p. 160, 161; Nieto Ballester, 1997, p. 229, 265), nenhuma legitimidade pode ser reconhecida ao recurso a **otobeś*/**otobeśa* com o intuito de comprovar a sua existência. Se a análise subscrita por García Sánchez não pode recolher o nosso acordo, o mesmo se passa com a segmentação de **otobeścen** em **otobe-ścen**, que foi postulada pelo professor Beltrán Martínez (1996, p. 178).

Alguns investigadores acreditam que o NL **etogísa** não conheceu mais nenhum testemunho além das dracmas que o ostentam (Campo, 1998, p. 34; Otiña e Ruiz de Arbuló, 2000, p. 108). No entanto, é nossa convicção de que é para **etogísa** que remete O(C)TOGESA, NL que nos chegou corrompido (*contra*, Corominas, 1972b, p. 76, 162 [Coromines], 1997, p. 160) através de César (BC. 1.61.5; 1.68.1; 1.70.4), talvez por contaminação com o supracitado **otobeś*/**otobeśa*. Convém ter em atenção que em nenhum dos códices do relato de César, designadamente em BC. 1.61.5, figura *Otobesam* como variante de *O(c)togesam* (Vallejo, 1946, p. 261; Faust, 1966, p. 139; *contra*, TIR K/J-31, p. 113), pelo que nenhum obstáculo se ergue à correcção de *Otogesam* por *Etogisam* — ou por *Etogesam*, se nos reportarmos aos casos que atestam a representação de ib. <i> por lat. <e> (MLH III 1, p. 153; Quintanilla, 1998, p. 178-180; Faria, 2002a, p. 130) — em qualquer das três passagens do texto cesariano. Esta identificação anula liminarmente qualquer hipótese de correspondência entre OTOGESA e **otobeś*/**otobeśa*, que tem sido sustentada, com maior ou menor convicção, por vários investigadores (Vallejo, 1946, p. 271; Caro Baroja, 1954, p. 715; Untermann, MLH I 1, p. 212; TIR K-30, p. 169; Silgo Gauche, 1994, p. 161; Asensio Esteban, 1995, p. 94; Pérez Almoquera, 1996, p. 46; Corell, 1996, p. 111, 2005, p. 33; Collantes Pérez-Ardá, 1997, p. 154; TIR K/J-31, p. 113; Quintanilla, 1998, p. 58; García Sánchez, 1999, p. 96; De Hoz, 2002a, p. 163; Ballester, 2002, p. 483, n. 207; Enríquez González, ed., 2003, p. 103 e n. 168; Quetglas, 2005, p. 161).

Não nos podemos esquecer de que já José Vallejo (1946, p. 271, 1947, p. 207), a despeito de nunca ter desistido de postular uma alteração fonológica de /b/ para /g/ — totalmente improvável no âmbito da língua ibérica, não obstante a sua ocorrência em basco (Michelena, 1977², p. 259-260) —, documentada, segundo ele, nas (inverosímeis) passagens de **Setobisa* a OTOGESA e de

Etobisa* a **etogísa, chegou a propor, em total contradição com a tese central do seu artigo de 1946, que OTOGESA não seria mais do que a versão latinizada de **etogísa** (Vallejo, 1947, p. 210).

Depois de ter imputado ao próprio Tito Lívio a correcção de *Onusa* por *Etovissam*, Leandre Villaronga (1996, p. 59) opinou com inteira razão que as legendas monetárias **etogísa** e **otobeſcen** remetem para cecas distintas, mas não se decidiu sobre a correspondência entre **etogísa** e O(C)TOGESA, acabando por admitir com algum desalento que “[p]er aquests camins fonètics veiem que no es por [*sic*] arribar a cap conclusió segura”. De igual modo, Esteban Collantes Pérez-Ardá (1997, p. 159), sem se comprometer com uma posição definitiva, e ao arrepio do que tinha declarado noutra passagem do mesmo livro (p. 154; v. *supra*, p. 278), pareceu inclinar-se para o reconhecimento de duas cecas distintas: “[n]osotros consideramos las monedas con leyenda **Otobesken** como de Otobesa, pero no nos atrevemos a incluir estas dracmas [de **etogísa**] como acuñadas también en la misma ciudad”.

Se OTOGESA consiste numa forma corrupta de **etogísa**, não é menos verdade que Ἠτόβησα (Ptol. 2.6.62) constitui uma versão deturpada de **otobes*/**otobeſa* (Caro Baroja, 1954, p. 715; Faust, 1966, p. 138; Quintanilla, 1998, p. 182; *contra*, Abad Casal, 1985, p. 343; Pérez Vilatela, 1994a, p. 117, 131; Quintanilla, 1998, p. 52, 53). Não há, pois, na geografia antiga peninsular, lugar para Ἠτόβησα nem, tão-pouco, para uma invenção oitocentista que dá pelo nome de **Etouissa*, supostamente documentada em Tito Lívio (21.22.5; 22.20.4) (Pérez Vilatela, 1994a, p. 113-115, 1994b, p. 270-272; *contra*, Vallejo, 1946, p. 262, 271; Untermann, *MLHI* 1, p. 212; Siles, 1979, p. 82; Tovar, 1989, p. 291; Silgo Gauche, 1994, p. 214-215; Villaronga, 1996, p. 59; Collantes Pérez-Ardá, 1997, p. 305; *TIR* K/J-31, p. 113; Jacob, 1997, p. 375; Quintanilla, 1998, p. 53, 65, 179, 182, 271; García Alonso, 2003, p. 373).

Como é evidente, a fidelidade à fonologia ibérica dos testemunhos transmitidos pelos textos literários gregos e latinos (de que salientamos, pela escassíssima confiança que inspira, a *Geografia* de Ptolemeu) deve, por uma série de condicionantes que nos parecem óbvias, ser questionada a todo o momento, tal como advertiu Alberto Quintanilla (1993, p. 729). Desafortunadamente, Quintanilla nem sempre terá procedido com a cautela que ele próprio recomendou, pelo que as suas especulações acerca da variação vocálica observada na comparação de **otobeſcen** < **otobes*/**otobeſa* com formas espúrias como são Ἠτόβησα, **Etouissa* e OTOGESA (Quintanilla, 1998, p. 52, 53, 65, 179, 182, 271) não poderão, na nossa perspectiva, merecer grande crédito. Sintoma preocupante de que as considerações expendidas por Quintanilla a propósito desta matéria não foram objecto do devido amadurecimento é a asserção que passamos a transcrever sem mais comentários: “[e]s posible que Livio se serviera de la Ἠτόβησα de Ptolomeo” (Quintanilla, 1998, p. 58, n. 43).

ibuſcetin. Cerâmica. Ensérune (Nissan-les-Ensérune, Hérault). *MLH* II B.1.270, .271.

Três anos antes de fornecermos a transliteração do presente NP (Faria, 1995c, p. 327), que aqui reiteramos, já a mesma tinha sido apresentada por J. A. Correa (1992, p. 262) em alternativa às que, até então, pontificavam na bibliografia: **iteſcetin**, **iteſatin**, **icuſcetin** e **icuſatin** (*MLH* II, p. 237-238).

Nenhuma dúvida nos resta de que se trata de um NP ibérico. Este facto, sobre o qual Correa (1992, p. 262) não se pronunciou, foi, por duas vezes, ignorado por parte de Jesús Rodríguez Ramos (1995, p. 53-54, 2002-2003 [2004], p. 367).

Fica aqui feita a rectificação das informações prestadas noutra ocasião (Faria, 2004b, p. 182), acompanhada de um pedido de desculpas ao professor Correa.

Já tínhamos anteriormente admitido, que, mais tarde ou mais cedo, num ou noutro caso em que estivesse envolvido ilegitimamente o nome de Jesús Rodríguez Ramos, poderia haver “a necessidade de rectificarmos a atribuição de determinadas leituras e/ou interpretações” (Faria, 2004a, p. 293); e aqui estamos, a repor a verdade dos factos.

A experiência dos últimos anos leva-nos a suspeitar de que talvez Rodríguez Ramos venha a reconhecer publicamente quem forneceu pela primeira vez a transliteração acertada da inscrição em apreço, agora que ficou a saber que a mesma não nos pode ser atribuída.

ig(a)le(n)scen. Moedas. **Igale*/**Igali* (localização indeterminada). CNH 324:1-26.

É público e notório — temo-lo provado à saciedade — que Jesús Rodríguez Ramos costuma misturar despreocupadamente coisas dele com outras que não lhe pertencem; e, entre estas últimas, existem muitas que são nossas. É evidente que os limites da compostura já foram há muito ultrapassados por Jesús Rodríguez Ramos. Contudo, o caso abaixo relatado é, a par de alguns outros, que já denunciámos, especialmente repulsivo, porque foi publicado na sequência dos impropérios que o investigador em causa nos dirigiu. Efectivamente, depois dos insultos e injúrias que maneja como ninguém nos ataques *ad hominem*, só faltava que Jesús Rodríguez Ramos (2004a, p. 70, n. 48) viesse agora reivindicar para si:

a) a identificação, por nós estabelecida há quase década e meia (Faria, 1991b, p. 15, 1992, p. 45; 2002b, p. 234) — citando a bibliografia pertinente (Gómez-Moreno, 1949, p. 185), apesar de esta veicular a transliteração *Icalguscen* — entre os **ig(a)le(n)scen** e os Ἰγλητες de Estrabão (*Geogr.* 3.4.19);

b) a transliteração exclusivamente consonântica do primeiro silabograma de velar do presente NE, com remissão para as conclusões a que chegou J. A. Correa (1983), fundada na comparação com os Ἰγλητες estrabonianos (Faria, 1991b, p. 15, 1992, p. 45, 2003a, p. 216).

Assim se compreende que, em conformidade com a sentença de Jesús Rodríguez Ramos, “no son fiables los listados de Faria (...)” (Rodríguez Ramos, 2002-2003 [2004], p. 366, n. 4). Trata-se de uma variação mais recente, mas não menos grosseira, de outro dito lamentável, extraído do já vasto repertório produzido por Jesús Rodríguez Ramos (2003) na primeira parte da presente década:

“Para la lista de nombres que adjunto me refiero a mi listado en otro artículo, donde Faria es citado y probablemente con mucho más aprecio que lo que [sic] sus capacidades investigadores [sic] merecen”.

O caso aqui relatado, que, tal como a prática vem demonstrando, corre sérios riscos de ser em breve abafado por J. Rodríguez mediante o recurso a mais desqualificações pessoais de calibre idêntico às que reproduzimos linhas atrás, não passa de mais uma escabrosa tentativa de aniquilamento intelectual e moral (já contabilizámos quase centena e meia) de que vimos sendo alvo por parte do (auto)celebrado linguista.

Não podiam vir mais a propósito deste (a mais do que um título) indecoroso comportamento as reflexões respeitantes a um trabalho académico em curso, que Eugénio Lisboa (2005, p. 35) deixou exaradas numa recente crónica jornalística, significativamente intitulada “O pecado de citar”. Deixamos aqui um brevíssimo excerto das mesmas:

“... quando se descobre o que outros há muito descobriram, tudo se torna possível. Eis como o gosto de não citar — o horror a citar — pode conduzir-nos a insuspeitados pântanos”.

Se a raiz do NL que deu origem ao NE **ig(a)le(n)scen**/Ἰγλητες é a mesma que surge como componente inicial no NP IGALGHIS (*CIL* II²/5, 415), seja aquela ibérica (Faria, 2005, p. 164), ou não (Schmoll, 1959, p. 7, n. 5, 62; Lafon, 1963, p. 403), a síncope da segunda vogal só ocorreu no

NE, e não no NL, pela posição protónica que ocupa (Luján, 2003 [2004], p. 132). Deste modo, o NL subjacente ao NE **ig(a)le(n)scen**/*ἰγληῖτες* dificilmente poderia ser reconstituído como **Igle*/**Igli*/**Igla* (*contra*, Faria, 1991b, p. 15, 2005, p. 164), mas apenas como **Igale* < **igal-e* (Faria, 2005, p. 164) ou, com menor grau de plausibilidade, como **Igali*. Javier de Hoz (2002b, p. 213), que não se pronunciou sobre a língua a que terá pertencido o NL em causa, optou por **Ikale*, **Ikali* ou **Ikala*, não tendo descurado a hipótese, a nosso ver improvável, já que o signo de nasal representa um sufixo de caso (Pérez Orozco, 1993, p. 223-224, 225), de aquele corresponder a **Ikalen-* seguido de vogal indeterminada.

laceitoḡ. Vaso de cerâmica. El Castellillo (Alloza, Teruel). *MLH* III 2 E.4.6.

O NP em apreço não poderá constituir a demonstração da historicidade, ultimamente questionada com maior ou menor profundidade (Pérez Almoguera, 2000, p. 200-202, 2001, p. 276, n. 2; Gómez Fraile, 2001, p. 46, n. 38; Broch i Garcia, 2004, *passim*), quer dos *Lacetani* quer do putativo território que lhes terá correspondido (a *Lacetania*). Contudo, **laceitoḡ** servirá, ao menos, para provar a exequibilidade da formação do supramencionado NE no quadro da onomástica ibérica. Na discussão da existência dos *Lacetani* não deve, tão-pouco, ser esquecida a atestação de vários NNP ibéricos que ostentam **lacer** como primeiro componente (Panosa, 1996, p. 233; Faria, 2002a, p. 128, 133, 2002b, p. 235), tendo dois deles – LACERILIS (gen.) e LACERTARIA – sido (sobretudo o primeiro) um tanto precipitadamente arrumados na antroponímia latina por Heikki Solin (2003, p. 179-180). Em contrapartida à associação com **lacer**, a aproximação do NE *Lacetani* ao formante onomástico **lacu**, ensaiada por Untermann (1992a, p. 31), parece-nos menos ajustada (Faria, 2002b, p. 235). Já no seu repertório de NNP ibéricos, ao tratar de **laceitoḡ**, que não lhe mereceu mais do que duas equívocas notas de rodapé (*MLH* III 1, p. 228, n. 83, 236, n. 134), Untermann havia considerado **lace**/**lacei** uma mera variante de **lacu** ou, em alternativa, de **lacer**/**lacen** (como se estivéssemos perante um só elemento, o que dista de ser seguro). Por outro lado, a análise de **laceitoḡ** como **lacei-toḡ** permitiria, ainda na (para nós inverosímil) perspectiva de Untermann (*MLH* III 1, p. 236, n. 134), encarar o segundo componente como abreviatura de **toḡtin**.

Pela nossa parte, nunca manifestámos quaisquer reticências sobre a inclusão de **laceitoḡ** na antroponímia ibérica (Faria, 1991a, p. 190, 1994b, p. 67, 2002b, p. 235, 2004a, p. 287) nem sobre os elementos onomásticos – **lace** e **itoḡ** – que o compõem, pelo que a posição dúbia assumida por Untermann (*MLH* III 1, p. 228, n. 83) não pode deixar de nos surpreender.

Já do lado de Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 261, 262), nenhuma novidade havia a esperar, ao dar a entender ser ele o autor da identificação dos formantes **lace** e **itoḡ**, não se eximindo, de resto, ainda que com dúvidas, a ver neste último uma variante de ETON.

Não admira, pois, que Jesús Rodríguez Ramos se esforce por fazer passar a mensagem de que “no son fiables los listados de Faria (...)” (Rodríguez Ramos, 2002-2003 [2004], p. 366, n. 4).

Convém referir que nem **itoḡ** nem ETON figuram na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafía ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

liCine. Mosaico. La Caridad (Caminreal, Teruel). *MLH* III 2, E.7.1 = *MLH* IV, K.5.3.

Já escrevemos tudo o que nos pareceu pertinente a propósito deste NP (Faria, 2000a, p. 123-124). Não obstante, cremos que vale a pena recordar quem sustentou ser **liCine** a iberização do NP *Licinus* (García-Bellido, 1990, p. 72; Velaza, 1991, p. 292; De Hoz, 1992, p. 336, n. 33, 1995b, p. 30; Pérez Vilatela, 1992, p. 352; Faria, 1994b, p. 68, 1997, p. 109, 2000a, p. 123). Disponibiliza-

mos agora esta informação bibliográfica, porque F. Beltrán Lloris (2003, p. 185, 2004 [2005], p. 75), nos últimos três anos, não quis aproveitar as duas oportunidades de que dispôs para a apresentar, afinal as mesmas que desperdiçou para admitir, ao fim de quase uma década, que jamais Untermann considerou ser **liCine** a iberização do NP *Licinus* (Beltrán Lloris, 1996, p. 134), mas apenas, e equivocadamente, tal como o mesmo veio a confessar (*MLH* IV, p. 649), a de *Licinius*.

Quando reconheceu que **liCine** não poderia ser o resultado da iberização de *Licinius* (*MLH* IV, p. 649), o professor Untermann fez uso da argumentação que havíamos aduzido alguns anos antes (Faria, 1993a, p. 157), mas o nosso texto ficou por citar.

■]NNARISCER. Vaso de *terra sigillata*. La Jana (Baix Maestrat, Castelló). Corell, 2005, p. 178-179, n.º 95.

Propomos restituir o presente NP ibérico como [BI?]NNARISCER < *[bi?]nYriscer ou como [SE?]NNARISCER < *[se?]nYriscer, sendo qualquer destas hipóteses preferível a [A]NNADISCER < *[a]nnadiscer (Corell, 2005, p. 178-179). A interpretação de *binnar < **binYr** como componente onomástico ibérico, da nossa responsabilidade, é tributária do estudo sobre a distribuição das nasais ibéricas assinado por Correa (1999, p. 388, n. 84, 389 e n. 89), enquanto a sugestão no sentido de *sennar < **senYr** pertencer à mesma categoria léxica foi originariamente formulada por Untermann (*MLH* III 2, p. 373).

■ **ocelacom**. Moedas. *Ocela (Medinaceli, Soria, ou arredores). *CNH* 289:1-2.

Até prova em contrário, fomos nós que, pela primeira vez, transliterámos correctamente a presente legenda monetária, que, até 2003, se transliterava como **ocalacom** (Faria, 2003a, p. 224-225).

Até prova em contrário, fomos nós que, pela primeira vez, identificámos *Ocela com *Hocilis/Ocilis*, formação toponímica que, como muitas outras (v. *infra*), surge corrompida no relato de Apiano (*Hisp.* 47, 48) (Faria, 2003a, p. 224-225).

Estes dois factos foram inexplicavelmente omitidos por C. Jordán Cólera (2004, p. 201, 244-245) e por Xaverio Ballester (2004 [2005], p. 275-276).

O texto de Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], p. 431-432), o mais antigo que Jordán Cólera e Ballester citam sobre qualquer destas duas questões (evidentemente inter-relacionadas), veio a lume largos meses depois do nosso (Faria, 2003a, p. 224-225). Não corresponde, pois, de modo nenhum, à verdade que, tal como indica Jordán Cólera (2004 [2005], p. 312, n. 50), tenhamos seguido Rodríguez Ramos no que toca à leitura e à interpretação da legenda em apreço. Provavelmente, Jordán não se terá apercebido da gravidade da acusação que nos dirigiu, já que do nosso texto não consta — porque não poderia constar — o artigo de Rodríguez Ramos.

Falta ainda referir, por um lado, que o segundo signo da legenda **ocelacom** se encontra reproduzido de modo incorrecto por Jordán Cólera (2004, p. 201), e, por outro, que, em face das numerosas deturpações toponímicas, por nós coligadas (e outras haverá), constantes do texto de Apiano (Faria, 2003a, p. 224) — *Astapa* (*Hisp.* 33), *Axeinion* (*Hisp.* 47), *Baicor* (*Hisp.* 65), *Baetyca* (*Hisp.* 24), *Belgeda* (*Hisp.* 100), *Carbona* (*Hisp.* 27), *Careona* (*Hisp.* 25), *Carmena* (*Hisp.* 58), *Carpessos* (*Hisp.* 2, 63), *Castax* (*Hisp.* 32), *Colenda* (*Hisp.* 99, 100), *Complega* (*Hisp.* 42, 43), *Coplanion* (*Hisp.* 88), *Eiscadia* (*Hisp.* 68), *Erisane* (*Hisp.* 69), *Ilyrgia* (*Hisp.* 32), *Itucca* (*Hisp.* 67), *Lersa* (*Hisp.* 24), *Malia* (*Hisp.* 77), *Nergobriga* (*Hisp.* 50), *Orso* (*Hisp.* 16, 65), *Oxthracae* (*Hisp.* 58), *Termentia* (*Hisp.* 76, 77), *Termesos* (*Hisp.* 99) e *Tribola* (*Hisp.* 62) —, parece-nos inteiramente imerecido o crédito que Ballester (2004 [2005], p. 276) confere ao NL em causa, tal como o mesmo foi transmitido por via literária: *Hocilis/Ocilis*.

OR[D]VNETSI (dat.). Lápide funerária. Muez (Navarra). Gorrochategui, 1995a, p. 225, Foto 3. Corrigimos aqui a leitura que, por óbvia distração, apresentámos noutro lugar (Faria, 2002b, p. 237).

Nada de substancial temos a acrescentar ao que afirmámos anteriormente sobre este NP (Faria, 2002b, p. 237). Resta-nos apenas registar, como é nosso dever, que já Jaime Siles (1986, p. 23) tinha advogado a exclusão de **ordun* dos elementos onomásticos ibéricos. ORDVNETSI (dat.) < **Ordunetsis* estará para **ordines* (**ordin-es*) ou, menos provavelmente, para **ordines* (**ordin-nes*) (Faria, 2002b, p. 237) assim como ORDVMELES está para **ordin-beles* (Siles, 1986, p. 23; Correa, 1992, p. 264, 1993, p. 331, 1994, p. 270, 1999, p. 381). A alternância gráfica <i>/<u> configura, pois, um fenómeno exclusivamente latino (Siles, 1986, p. 23; Correa, 1994, p. 270; Faria, 1997, p. 106, 2000a, p. 139, 2001a, p. 102, 2002b, p. 237; Quintanilla, 1998, p. 154; Silgo Gauche, 2000, p. 280).

A favor da caracterização de **ordun* como formante onomástico ibérico pronunciaram-se Criniti (1970, p. 225), Albertos (1983, p. 876), Gorrochategui (1984a, p. 249, n.º 275, 1987, p. 440, 1993, p. 622, 625, 1995a, p. 224, 1995b, p. 55), Untermann (1979, p. 52, *MLH* III 1, p. 229), De Hoz (1994, p. 175), Sayas (1994, p. 156), Silgo Gauche (1994, p. 217-218), Velaza (1995, p. 212) e Vallejo Ruiz (2001, p. 403).

Dando por provado, por um lado, que BELEX representa /belets/ nas inscrições latinas da área paleobasco-aquitana e, por outro, que o mesmo formante equivale ao ibérico **beles** (Michelena, 1977², p. 288; Gorrochategui, 1984a, p. 156-157), a nossa opção por fazer remontar **Ordunetsis* a **ordin-es* de preferência a **ordin-nes* resulta do facto de só o segmento onomástico **nes** se encontrar documentado em escrita epicórica (Faria, 1991a, p. 190, 1991b, p. 16, 17-18, 1993a, p. 157, 1994a, p. 49-50, n.º 261, 1994b, p. 67, 1995a, p. 80, 83-84, 1995c, p. 324, 1996, p. 166, 1997, p. 106, 111, 1998b, p. 238, 2000a, p. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001b, p. 207, 209, 2002a, p. 133, 135, 2002b, p. 237, 2004a, p. 288); não há, por conseguinte, nenhuma prova ou indício da existência de **nes* (*contra*, Untermann, *MLH* III 1, p. 229; Correa, 1992, p. 266, n. 46, 1994, p. 269, 271, 276, 1999, p. 379, 382, 2001, p. 315; Gorrochategui, 1993, p. 623, 1995a, p. 224, n. 94; Velaza, 1996, p. 43; Quintanilla, 1998, p. 103-104, 198, 204; De Hoz, 2003, p. 87, n. 9).

Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 266) acredita que NES (*sic*) é formante cuja “ibericidad es solo probable”, mas já vai conseguindo vislumbrar, sem se dar ao trabalho de mencionar a bibliografia correspondente, os contornos de algo que detectámos sem margem para dúvidas nos inícios da década passada: a ocorrência de **nes** em **neselducu** (transliteração que Rodríguez Ramos pretere em favor de **neseltuko**).

Convém referir que nem NES nem, obviamente, **nes** figuram na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

A desafortunada — e já rebatida (Gorrochategui, 1995a, p. 224; Faria, 2002b, p. 237) — ideia por mais de uma vez expressa pela professora Carmen Castillo (1992, p. 122, 1998, p. 80) no sentido de transformar o NP que nos ocupa em **Ordunesis* < **Ordunensis*, NE que reflectiria um pretense NL a escolher entre **Ordonum* e **Ordunum*, foi, em má hora, recuperada por Fernando Fernández Palacios (2004, p. 481, n. 11). Além de ter qualificado *Ordunetsis* (*sic*: desprovido de asterisco) como teónimo, Fernández Palacios mostrou estar apenas a par da versão mais recente da teoria de Carmen Castillo, a despeito de ter antecipado em dez anos a respectiva data de publicação.

Jsarlf. Fragmento de vaso grego. La Illeta dels Banyets (El Campello, Alicante). García Martín, 2003, p. 118, n.º 32.

Na eventualidade, bastante plausível, de estarmos perante um NP ibérico, este teria forçosamente de se segmentar em **Jsar-lf**. Salvo erro, **sar** não está atestado como formante onomástico ibérico nem configura a sílaba final de nenhum deles.

Cumpre-nos ainda assinalar que García Martín (2003, p. 118, n.º 32) preferiu transliterar este grafito greco-ibérico como **sadl**.

segeiða/segeiðacom. Moedas. *Segeda* (Poyo de Mara/Durón de Belmonte de Gracián, Saragoça). *CNH* 231:1-45.

Na entrada consagrada a **segeiða**, além do texto de Jesús Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003]), Carlos Jordán Cólera (2004, p. 186) devia ter mencionado outros três que o precederam, dois dos quais assinados pelo mesmo investigador (Rodríguez Ramos, 1997, p. 194, 2002c [2003c], p. 248, n. 13).

O que foi publicado em 1997 não podia, de modo nenhum, ter faltado, porquanto foi nele que Jesús Rodríguez Ramos alvitrou a possibilidade de serem **segeiða** e **segeiðacom** as transliterações adequadas, sem, todavia, excluir por completo as interpretações tradicionais das ditas legendas monetárias. De resto, em nenhum destes trabalhos Rodríguez Ramos forneceu qualquer argumentação passível de alicerçar a sua hipótese (no primeiro texto) ou a sua convicção (no segundo).

O terceiro trabalho cuja ausência não pudemos deixar de notar é da nossa autoria (Faria, 2003a, p. 218-219), tendo o mesmo sido publicado mais de meio ano antes da saída do mais recente volume da revista *Kalathos*, que inclui o artigo de Jesús Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003]) citado por Jordán.

Naquele nosso texto, ficou por assinalar que são já dois, e não apenas um, os chumbos monetiformes que se conhecem com a legenda SEGEIDA (Sáez Bolaño e Blanco Villero, 2001, p. 188 e n. 503). Não será totalmente de afastar a hipótese de que tal legenda, conquanto em caracteres latinos, reproduza o NL em celtibérico. A ser assim, a supracitada legenda devia ter integrado o *corpus* de inscrições celtibéricas que acaba de ser publicado por Jordán Cólera (2004), no qual, por outro lado, se reproduz incorrectamente o terceiro signo da legenda **segeiðacom** (Jordán Cólera, 2004, p. 201).

setibios. Placa de chumbo. Proveniência indeterminada. Velaza, 2004 [2005], p. 258.

Nenhuma dúvida se coloca à divisão deste NP em **seti-bios** (Velaza, 2004 [2005], p. 258).

O professor Velaza não se terá apercebido de que o primeiro elemento antroponímico ocorre em **beriseti** (Sanmartí-Grego, 1988, p. 98, 100) e em **Ybarseti** (Allepuz Marzà, 2001, p. 322, Fig. 85, 6) (Rodríguez Ramos, 2001-2002 [2003], p. 431, n. 5, 2002a [2003a], p. 267, 2002b [2003b], p. 39 e n. 25). Não vislumbramos nenhuma razão objectiva passível de sustentar, passando por cima da evidente oposição entre as consoantes dentais intervocálicas, a equivalência, preconizada por Rodríguez Ramos, entre **seti** e **sede**. Este último componente onomástico ibérico ocorre no NP Σεδεγων (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53) e no NE **sedeiscen** (gen. pl.) = SEDETANI (Faria, 1994b, p. 70, 2001a, p. 103). Nem sequer é de aceitar a passagem de **seti** a **sede**, porquanto as atestações de Σεδεγων e **sedeiscen** devem ser anteriores aos NNP que documentam **seti**. Recorde-se que Rodríguez Ramos (2001-2002 [2003], p. 431, n. 5, 2002a [2003a], p. 267, 2002b [2003b], p. 39) se apresentou como autor da comparação/identificação do primeiro componente do NP Σεδεγων (Lejeune, Pouilloux e Solier, 1988, p. 53) com a base do NE **sedeiscen** = SEDETANI, mas não dispunha, nem nunca disporá, de qualquer legitimidade moral para o fazer (Faria, 1994b, p. 70, 2001a, p. 103, 2002a, p. 134, 2003b, p. 327, 2004a, p. 289-290, 2004b, p. 185).

Convém referir que **sede** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

Ainda a propósito de Σεδεγων, identificámos há pouco tempo (Faria, 2002a, p. 134) o seu segundo componente com o que figura na mesma posição no ND BELGONI (dat.) (Gorrochategui, 1984a, p. 315-316, n.º 475), mas não nos repugnaria admitir, ainda que como alternativa menos verosímil, que estivéssemos, em ambos os casos, perante a expressão gráfica da monotongação de /aw/. No tocante ao NP em caracteres gregos, tal mutação fonética justificaria o uso de <ω> no lugar de <o>, se outra explicação fosse necessária para esta grafia, além da que foi fornecida por Correa (1994, p. 270, n. 19). Por sua vez, o nome da divindade cultuada na inscrição latina contaria com um homónimo humano em [B]ELGAVN (TSall) (Faria, 2003a, p. 216).

Desconhecíamos até há muito pouco tempo que já H. Schuchardt (1909, p. 244) tinha isolado GAVN em [--]ELGAVN como elemento onomástico ibérico, sem, contudo, se ter atrevido na mesma ocasião a restituir o formante inicial.

Retomando a análise de **setibios**, o segundo formante deste NP, além de figurar em **biosildun** (G.1.3) (Michelena, 1954/1985, p. 430; Velaza, 2004 [2005], p. 258) e em **barcabios** (Velaza, 2004 [2005], p. 258), ocorre igualmente em BIHOSCINNIS (gen.) (Michelena, 1954/1985, p. 430; Gorrochategui, 1984a, p. 164-165, n.º 86). Outro candidato a ostentar **bios** como elemento onomástico é ANDVMOBIOS (Abascal Palazón, 1994, p. 275) < *andun-bo-bios (?), na eventualidade de este NP pertencer à antroponímia ibérica (v. *supra*, p. 273). Se bem que com todas as cautelas, dado o contexto geográfico — o Noroeste peninsular — em que ocorrem, não nos devemos, tão-pouco, esquecer de dois NNP atestados exclusivamente na Idade Média, *Ocobius* (Boullón Agrelo, 1999, p. 335; Faria, 2002b, p. 236) e *Toribius/Turibius* (Machado, 1984, p. 1419; Rivas Quintas, 1991, p. 84, n.º 239), podendo estar este último na origem de (*uilla?*) *Toriviana/Turiviana*, nome de uma ceca visigoda, caso esta não seja uma forma derivada (e evolucionada) de *Toreb(r)ia* (Marques et al., 1998, p. 115-116; Alarcão, 2001, p. 40-41) < *Torebriga (Faria, 1989b, p. 68).

A exemplo do que ocorre com **bels**, que deriva, por sufixação, de **bel** (Faria, 1995c, p. 324, 325, 2002a, p. 125), também **bios** é o resultado de **bio-s** (Gorrochategui, 1984a, p. 167). Esta análise é caucionada pela atestação dos NNP **abarCebiotar** (C.0.2) (Faria, 1994b, p. 66), [B]IHONIS (gen.) (Piras, 2004, p. 1552-1553), BIHOTARRIS (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 165-166, n.º 88) e BIHOTVS (Gorrochategui, 1984a, p. 166, n.º 89). Por sua vez, BIHOSSI (gen.) (Gorrochategui, 1984a, p. 165, n.º 87), BIHOXVS (Gorrochategui, 1984a, p. 166-168, n.º 90) e BIOXXI (gen.) (Gorrochategui, 2003 [2004], p. 30) são NNP que podem reconduzir a *bio-su/*bio-sú ou *bios-su/*bios-sú (Faria, 2002a, p. 138) se não resultarem da adaptação à flexão nominal latina de tema em -o (lat. *Bios(s)us < ib. **bios**), à imagem de BELCILESVS < *belceles (Faria, 2002a, p. 125).

Difícilmente poderemos escapar à conclusão de que os dois componentes com que finaliza **abarCebiotar** (C.0.2) são os mesmos que constituem o NP BIHOTARRIS (gen.) < *biotar.

A estela funerária que documenta o patronímico [B]IHONIS (gen.) é dedicada à memória de [O]RCOETA (Piras, 2004, p. 1550-1551). Muito embora tal não venha mencionado na mais recente edição da referida epígrafe, este é mais um NP — desta vez, indubitavelmente masculino — a testemunhar a existência do elemento onomástico ibérico **eta**, a juntar a EDERETTA (*CIL* II 2976) — que não constitui, decerto, a latinização de *edereton (*contra*, Faria, 2004b, p. 185) — e a **oretaunin** (F.13.1) (Faria, 2004b, p. 185).

tuitubolai. Moedas. *Obulco*. (CNH 343:11-14).

Na hipótese, que reputamos altamente verosímil, de o NL **Tutu-gi* (TIR J-30, p. 328) se segmentar em **Tutu-gi*, a exemplo de outros NNL ibéricos sufixados por *-gi* (Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2003a, p. 212), podê-lo-íamos considerar uma adaptação latina de **tuitugi*. A ter sido assim, estaríamos em condições de concluir que ambas as oclusivas dentais presentes em **TuiTubolai**, **Tuituiboren** (CNH 346:36-37) e **TueiTiceildun** (F.21.1) < ***TueiT(u)-iCe-ildun** (Faria, 1991a, p. 189, 1993a, p. 151, 1994b, p. 65, 1998b, p. 237, 2000b, p. 62, 2002a, p. 130, 2004a, p. 283) seriam surdas (*contra*, Faria, 2002a, p. 130, 2004a, p. 283). Daqui decorre a nossa proposta de os transliterar como **tuitubolai**, **tuituiboren** e **tueitiCeildun**, respectivamente. No que toca a este último NP, não é possível demonstrar que **-iCe-** represente um infixos (Faria, 1991a, p. 189-190, 1994b, p. 65) ou que configure o segundo de três componentes onomásticos (Faria, 2000b, p. 62, 2002a, p. 130). Jesús Rodríguez Ramos (2001, p. 17) decidiu-se pela primeira hipótese, mas, como já é habitual nele, omitiu a bibliografia que lhe incumbia citar.

Convém referir que **TuiTu** não figura na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15).

uldilati. Ponderal de cerâmica. Alorda Park (Calafell, Tarragona). Sanmartí, Velaza e Morer, 2004, p. 328.

Atestando este documento a oposição de sonoridade entre oclusivas, evidente na notação gráfica das sílabas /ti/ (em **iustir**) e /di/, **uldiladi** só pode estar por **uldilati**. Efectivamente, se nunca houve grandes dúvidas quanto à natureza sonora da dental constante de **uldi** (Correa, 1992, p. 281, 283, 288), o testemunho aduzido por **lati**, reproduzido no composto antroponímico **catulati** (Untermann, 1992b, p. 24, 1996, p. 87; Faria, 1993a, p. 157), deixava entrever que, em contrapartida, a dental do segundo formante do NP em análise seria surda. Ora, não sendo este o caso, teremos de aceitar que **ladi** não é mais do que uma cacografia. Não tem, por conseguinte, qualquer justificação que se contemple, ao menos por agora, a existência de dois formantes onomásticos ibéricos distintos, **ladi** e **lati**.

A propósito de **catulati**, formação antroponímica que Javier de Hoz (1993, p. 652-653) preferiu em favor de **catulatie**, temos de lamentar o facto de Sanmartí, Velaza e Morer (2004, p. 328) não terem referido que **catu**, **ecas** e **ísar** já tinham sido isolados como elementos onomásticos ibéricos em **catuísar** (B.1.20) e em **catuecas** (F.14.1), bem antes da redacção do artigo ora comentado (Faria, 1995a, p. 83, 1998c, p. 269). Esta história traz-nos à memória uma outra, se bem que com um diferente protagonista: há pouco tempo, tivemos a oportunidade de notar (Faria, 2004a, p. 282, 2004b, p. 178) que, em duas ocasiões distintas, Jesús Rodríguez Ramos (2002a [2003a], p. 260, 263, 268, 2004b, p. 140, n. 10) tentou chamar a si a individualização dos componentes onomásticos **catu** e **ecas**, não resistindo à tentação de, no último ano, reincidir por mais duas vezes (Rodríguez Ramos, 2004a, p. 316, 334, n. 34, 346, 349, 2002-2003 [2005], p. 254). Enfim, **catu** e **ecas** são mais dois exemplos, a juntar a tantos outros, de que “no son fiables los listados de Faria (...)” (Rodríguez Ramos, 2002-2003 [2004], p. 366, n. 4)...

Convém referir que nem **catu** nem **ecas** figuram na lista de elementos onomásticos elaborada por Jesús Rodríguez Ramos e recolhida num apêndice (n.º 1, p. 53-54) ao seu *Breve manual de epigrafia ibérica*. Tal apêndice foi considerado “bastante completo” pelo autor (Rodríguez Ramos, 1995, p. 15). **catu** tão-pouco figura no repertório de compostos antroponímicos que Jesús Rodríguez Ramos apresentou há cerca de cinco anos (Rodríguez Ramos, 2000 [2001], p. 261).

uldilati surge seguido de **-e**, sufijo cujo significado é totalmente desconhecido para Sanmartí, Velaza e Morer (2004, p. 328). De há muito se suspeita, porém, com boas razões, de que se trata de um sufijo com função de dativo (Michelena, 1954/1985, p. 421; Gorrochategui, 1984a, p. 326, 373, 1984b, p. 263-264; Silgo Gauche, 1992, p. 772-773, 1994, p. 151; Pérez Orozco, 1993, p. 222; Trask, 1997, p. 402; Faria, 1997, p. 106, 1999, p. 154, 155, 2000a, p. 122, 2002a, p. 131; Tolosa Leal, 2000, p. 144).

BIBLIOGRAFIA

- ABAD CASAL, L. (1985) - Arqueología romana del País Valenciano: panorama y perspectivas. In ABAD, L.; HERNÁNDEZ, M. S., eds. - *Arqueología del País Valenciano: panorama y perspectivas*. Alicante: Universidad, p. 337-382.
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994) - *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Madrid: Universidad Complutense; Murcia: Universidad.
- ABASCAL, J. M.; RAMALLO, S. F. (1997) - *La ciudad de Carthago Nova: la documentación epigráfica*. Murcia: Universidad.
- ALARCÃO, J. de (2001) - As paróquias suélicas do território actualmente português. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religião, língua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 29-59.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1966) - *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Universidad.
- ALBERTOS FIRMAT, M.ª L. (1983) - Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, H.; HAASE, W., eds. - *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin-New York: Walter de Gruyter, p. 853-889.
- ALLEPUZ MARZÀ, X. (2001) - *Introducció al poblament ibèric a La Plana de l'Arc (Castelló)*. Castelló: Diputació.
- ASENSIO ESTEBAN, J. Á. (1995) - *La ciudad en el mundo prerromano en Aragón*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico" (*Caesaraugusta*. Zaragoza. 70).
- BALLESTER, X. (2002) - El substrato de la lengua ibérica en la Península Ibérica. In *Congrés Internacional de Toponímia i Onomàstica Catalanes (València, 18-21 d'abril de 2001)*. Paiporta, València: Denes Editorial, p. 459-488.
- BALLESTER, X. (2004) [2005] - Notas a epígrafes celtibéricas de colecciones particulares. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 265-282.
- BELTRÁN LLORIS, F. (1996) - Romanización inicial en la Celtiberia: las inscripciones de Caminreal y Botorrita. In REBOREDA, S.; LÓPEZ BARJA, P., eds. - *A cidade e o mundo: romanización e cambio social (Actas do Curso de Verán da Universidade de Vigo, celebrado en Xinz de Limia, do 3 ó 7 de xullo de 1995)*. Xinz de Limia: Concello, p. 125-145.
- BELTRÁN LLORIS, F. (2003) - La romanización temprana en el valle medio del Ebro (siglos II-I a.E.): una perspectiva epigráfica. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 76, p. 179-191.
- BELTRÁN LLORIS, F. (2004) - Libertos y cultura epigráfica en la Hispania republicana. In *Vivir en tierra extraña: epignación e integración cultural en el mundo antiguo: actas de la reunión realizada en Zaragoza los días 2 y 3 de junio de 2003*. Barcelona: Universitat; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 151-175.
- BELTRÁN LLORIS, F. (2004) [2005] - Sobre la localización de *Damania*, *Leonica*, *Osicerda* y *Orosis*. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 67-88.
- BELTRÁN LLORIS, M.; BELTRÁN LLORIS, F. (2004) - El municipio en el Aragón antiguo. In *El municipio en Aragón: 25 siglos de Historia. 25 años de Ayuntamientos en democracia (1979-2004)*. Zaragoza: Diputación Provincial, p. 35-51.
- BELTRÁN MARTÍNEZ, A. (1996) - Las inscripciones de las monedas "iberas". In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (curso de la U.I.M.P. - Valencia 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 157-187.
- BOULLÓN AGRELO, A. I. (1999) - *Antroponimia medieval galega (ss. VIII-XII)*. Tübingen: Niemeyer.
- BROCH I GARCIA, A. (2004) - De l'existència dels lacetans. *Pyrenae*. Barcelona. 35:2, p. 7-29.
- BURILLO, F. (1998) - *Los Celtiberos: etnias y estados*. Barcelona: Crítica.
- BURILLO, F. (2001) - Etnias y poblamiento en el área ibérica del Valle Medio del Ebro: Sedetanos y Edetanos. In BERROCAL-RANGEL, L.; GARDES, Ph., eds. - *Entre Celtas e Íberos: las poblaciones protohistóricas de las Galias e Hispania*. Madrid: Real Academia de la Historia [etc.], p. 187-200.
- CAMPO, M. (1998) - Les primeres monedes dels ibers: el cas de les imitacions d'Emporion. In *La moneda en la societat ibèrica: II curs d'Història Monetària d'Hispania (26 i 27 de novembre de 1998)*. Barcelona: Museu Nacional d'Art de Catalunya, p. 27-47.
- CARO BAROJA, J. (1947) - La geografía lingüística de la España antigua a la luz de la lectura de las inscripciones monetales. *Boletín de la Real Academia Española*. Madrid. 26:121, p. 197-243.
- CARO BAROJA, J. (1954) - La escritura en la España prerromana (epigrafía y numismática). In MENÉNDEZ PIDAL, R., ed. - *Historia de España, I: España prerromana, II: Etnología de los pueblos de Hispania*. Madrid: Espasa-Calpe, p. 678-812.

- CARO BAROJA, J. (1985) - *Los Vascones y sus vecinos*. San Sebastián: Editorial Txertoa.
- CASTILLO, C. (1992) - La onomástica en las inscripciones romanas de Navarra. In *Segundo Congreso General de Historia de Navarra, 24-28 Septiembre 1990, 2. Conferencias y comunicaciones sobre Prehistoria, Historia Antigua e Historia Medieval*. Pamplona: Institución "Príncipe de Viana", p. 117-133.
- CASTILLO, C. (1998) - Teónimos indígenas en la epigrafía navarra. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José M.ª Blázquez 5*. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 77-81.
- CIL II = HÜBNER, E. (1869) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/5 = STYLOW, A. U. [et al.] (1998) - *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conuentus Astigitanus (CIL II²/5)*. Berlin-New York: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994) - *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- COLLANTES PÉREZ-ARDÁ, E. (1997) - *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis.
- CORELL, J. (1996) - *Inscripcions romanes d'Edeta i el seu territori*. València: Nau Llibres.
- CORELL, J. (2005) - *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L'Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- COROMINAS, J. (1972a) - *Tópica hispérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 2.º vol. Madrid: Gredos.
- COROMINAS, J. (1972b) - *Tópica hispérica: estudios sobre los antiguos dialectos, el substrato y la toponimia romances*. 1.º vol. Madrid: Gredos.
- COROMINES, J. (1997) - *Onomasticon Cataloniae: els noms de lloc i noms de persona de totes les terres de llengua catalana, VIII: VI-Z*. Barcelona: Curial Edicions-Caixa d'Estalvis i Pensions de Barcelona "La Caixa".
- CORREA, J. A. (1983) - Ibérico: *Castí(i)lo, Ibolc(a)*. Latín: *Castulo, Obulco. Habis*. Sevilla. 14, p. 107-113.
- CORREA, J. A. (1992) - Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino). *AIΩN*. Napoli. 14, p. 253-291.
- CORREA, J. A. (1993) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Habis*. Sevilla. 24, p. 328-332.
- CORREA, J. A. (1994) - La lengua ibérica. *Revista Española de Lingüística*. Madrid. 24:2, p. 263-287.
- CORREA, J. A. (1999) - Las nasales en ibérico. In VILLAR, F.; BELTRÁN, F., eds. - *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: Actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 375-396.
- CORREA, J. A. (2001) - Las silbantes en ibérico. In VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M.ª P., eds. - *Religión, lengua y cultura prerromanas de Hispania. Actas del VIII Coloquio Internacional sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1999*. Salamanca: Universidad, p. 305-318.
- CRINITI, N. (1970) - *L'epigrafe di Asculum di Gn. Pompeo Strabone*. Milano: Editrice Vita e Pensiero.
- ENRÍQUEZ GONZÁLEZ, J. A., ed. (2003) - *César. Comentarios a la Guerra Civil*. Madrid: Alianza Editorial.
- FARIA, A. M. de (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português. A propósito do Catálogo de Plomos Monetiformes de la Hispania Antigua. *Numismática*. Lisboa. 47, p. 24-28.
- FARIA, A. M. de (1989a) - A numária de **Cantnipo*. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 71-99.
- FARIA, A. M. de (1989b) - Sobre a presença romana no actual território português. Apostilas ao recente livro do Prof. Jorge de Alarcão. *Conimbriga*. Coimbra. 28, p. 55-69.
- FARIA, A. M. de (1990-1991) - Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 11-12, p. 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991a) - [Recensão de] UNTERMANN, J., *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*, Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990, 339 + 661 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 187-197.
- FARIA, A. M. de (1991b) - Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. Coimbra. 30, p. 13-22.
- FARIA, A. M. de (1992) - Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. Aljustrel. 1, p. 39-48.
- FARIA, A. M. de (1993a) - A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. Lisboa. 12, p. 145-161.
- FARIA, A. M. de (1993b) - [Recensão de] BURNETT, A.; AMANDRY, M.; RIPOLLÈS, P. P. (1992) - *Roman Provincial Coinage, I: From the Death of Caesar to the Death of Vitellius (44 BC-AD 69)*. London-Paris: British Museum Press - Bibliothèque Nationale. *Vipasca*. Aljustrel. 2, p. 140-146.
- FARIA, A. M. de (1994a) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 15, p. 33-60.
- FARIA, A. M. de (1994b) - Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. Aljustrel. 3, p. 65-71.
- FARIA, A. M. de (1995a) - Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 79-88.
- FARIA, A. M. de (1995b) - Plínio-o-Velho e os estatutos das cidades privilegiadas hispano-romanas localizadas no actual território português. *Vipasca*. Aljustrel. 4, p. 89-99.
- FARIA, A. M. de (1995c) - Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 16, p. 323-330.
- FARIA, A. M. de (1996) - Nomes de magistrados em moedas hispánicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 149-187.

- FARIA, A. M. de (1997) - Apontamentos sobre onomástica paleo-hispánica. *Vipasca*. Aljustrel. 6, p. 105-114.
- FARIA, A. M. de (1998a) - [Recensão de] ALFARO, C.; ARÉVALO, A.; CAMPO, M.; CHAVES, F.; DOMÍNGUEZ, A.; RIPOLLÈS, P. P. - *Historia monetaria de Hispania antiqua*. Madrid: Jesús Vico, S.A. Editores, 1998. 441 p. ISBN 84-8571117-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 241-256.
- FARIA, A. M. de (1998b) - [Recensão de] QUINTANILLA, Alberto - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. 325 p. (Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filologías Clásicas. Anejos. Serie Minor; 11). ISBN 84-8373-041-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:2, p. 232-240.
- FARIA, A. M. de (1998c) - [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, 1998, p. 267-271.
- FARIA, A. M. de (1999) - Novas notas de onomástica hispánica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:1, p. 153-161.
- FARIA, A. M. de (2000a) - Onomástica paleo-hispánica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:1, p. 121-151.
- FARIA, A. M. de (2000b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 3:2, p. 61-66.
- FARIA, A. M. de (2001a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 95-107.
- FARIA, A. M. de (2001b) - [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. 362 p. LX Estampas. ISBN 84-86711-08-8. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:1, p. 206-212.
- FARIA, A. M. de (2002a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 121-146.
- FARIA, A. M. de (2002b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 233-244.
- FARIA, A. M. de (2003a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 211-234.
- FARIA, A. M. de (2003b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:2, p. 313-334.
- FARIA, A. M. de (2004a) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:1, p. 273-315.
- FARIA, A. M. de (2004b) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, p. 175-192.
- FARIA, A. M. de (2005) - Crónica de onomástica paleo-hispánica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, p. 163-175.
- FAUST, M. (1966) - *Die antiken Einwohnernamen und Völkernamen auf -itani, -etani. Eine Untersuchung zur Frage des westmediterranen Substrats*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- FERNÁNDEZ PALACIOS, F. (2004) - Comentarios de epigrafía vizcaína romana y la municipalización en el territorio de la actual Euskadi. *Gerión*. Madrid. 22:2, p. 479-492.
- GARCÍA ALONSO, J. L. (2003) - *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- GARCÍA-BELLIDO, M.ª P. (1990) - *El tesoro de Mogente y su entorno monetar*. València: Conselleria de Cultura, Educació i Ciència.
- GARCÍA MARTÍN, J. M. (2003) - *La distribución de cerámica griega en la Contestania ibérica: el puerto comercial de La Illeta dels Banyets*. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura «Juan Gil-Albert».
- GARCÍA SÁNCHEZ, J. J. (1999) - *Toponimia mayor de la tierra de Talavera*. Talavera de la Reina: Ayuntamiento.
- GÓMEZ FRAILE, J. M.ª (2001) - Sobre la adscripción étnica de Calagurris y su entorno en las fuentes clásicas. *Kalakorikos*. Calahorra. 6, p. 27-70.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1934) - Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. Madrid. 2, 1934, p. 173-191.
- GÓMEZ-MORENO, M. (1949) - *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GORROCHATEGUI, J. (1984a) - *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI, J. (1984b) - Acerca de *Helasse*, teónimo indígena atestiguado en Miñano Mayor (Álava). *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 1, p. 261-265.
- GORROCHATEGUI, J. (1987) - Situación lingüística de Navarra y sus aledaños en la antigüedad a partir de fuentes epigráficas. In *Primer Congreso General de Historia de Navarra (22-27 septiembre 1986) 2. Comunicaciones*. Pamplona: Institución Príncipe de Viana, p. 435-445.
- GORROCHATEGUI, J. (1993) - La onomástica aquitana y su relación con la ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 609-634.
- GORROCHATEGUI, J. (1995a) - Los Pirineos entre Galia e Hispania: Las lenguas. *Veleia*. Vitoria-Gasteiz. 12, p. 181-234.
- GORROCHATEGUI, J. (1995b) - The Basque language and its neighbors in Antiquity. In HUALDE, J. I.; LAKARRA, J. A.; TRASK, R. L., eds. - *Towards a history of the Basque language*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p. 31-63.
- GORROCHATEGUI, J. (2003) [2004] - Las placas votivas de plata de origen aquitano halladas en Hagenbach (Renania-Palatinado, Alemania). *Aquitania*. Pessac/Bordeaux. 19, p. 25-47.
- DE HOZ, J. (1992) - La inscripción de la falcata. In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación, p. 330-338.
- DE HOZ, J. (1993) - La lengua y la escritura ibéricas, y las lenguas de los iberos. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 635-666.

- DE HOZ, J. (1994) - Notas sobre inscripciones meridionales de la Alta Andalucía. In MANGAS, J.; ALVAR, J., eds. - *Homenaje a José M^a Blázquez*. 2. Madrid: Ediciones Clásicas, p. 167-179.
- DE HOZ, J. (1995a) - El poblamiento antiguo de los Pirineos desde el punto de vista lingüístico. In BERTRANPETIT, J.; VIVES, E., eds. - *Muntanyes i població: El passat dels Pirineus des d'una perspectiva multidisciplinària*. Andorra La Vella: Centre de Trobada de les Cultures Pirenènques, p. 271-297.
- DE HOZ, J. (1995b) - Áreas lingüísticas y lenguas vehiculares en el extremo Mediterráneo occidental. In LANDI, A., ed. - *L'Italia e il Mediterraneo antico. Atti del Convegno della Società Italiana di Glottologia (Fisciano-Amalfi-Raito, 4-5-6 novembre 1993)*. Pisa: Giardini, p. 11-44.
- DE HOZ, J. (2002a) - El complejo sufijal *-(e)skēn* de la lengua ibérica. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 2, p. 159-168.
- DE HOZ, J. (2002b) - La leyenda monetar *ikalesken* (MLH A.95). In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática* (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998). Madrid: Museo Casa de la Moneda, p. 212-219.
- DE HOZ, J. (2003) - Las sibilantes ibéricas. In MARCHESINI, S.; POCCETTI, P., eds. - *Linguistica è storia. Sprachwissenschaft ist Geschichte. Scritti in onore di Carlo De Simone. Festschrift für Carlo De Simone*. Pisa: Giardini, p. 85-97.
- IGLESIAS, H. (2000) - *Noms de lieux et de personnes à Bayonne, Anglet et Biarritz au XVIII^e siècle: origine, signification, localisation, proportion et fréquence des noms recensés*. Donostia: Elkarlanean.
- JACOB, P. (1986) - À propos des toponymes *Callet, Ceret, Osset, Emerita*. Madrid. 54, p. 275-280.
- JACOB, P. (1997) - *Les villes de la façade méditerranéenne de la Péninsule Ibérique du IV^e siècle av. J.-C. à la fin du 1^{er} siècle après J.-C.: processus d'urbanisation et structures urbaines*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion.
- JORDÁN CÓLERA, C. (2004) - *Celtibérico*. Zaragoza: Universidad.
- JORDÁN CÓLERA, C. (2004) [2005] - Chronica epigraphica celtiberica III. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 285-323.
- LAFON, R. (1963) - Noms anciens de personnes et de lieux du Sud de l'Espagne d'après les inscriptions. In *Atti e Memorie del VII Congresso Internazionale di Scienze Onomastiche (Firenze 4-8 Aprile 1961)*. 3. Firenze: Istituto di Glottologia dell'Università degli Studi, p. 401-406.
- LEJEUNE, M.; POUILLOUX, J.; SOLIER, Y. (1988) - Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 21, p. 19-59.
- LISBOA, E. (2005) - O pecado de citar. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa. 900, p. 35.
- LUJÁN, E. R. (2003) [2004] - En torno a la identificación de la ceca IKALE(N)SKEN (MLH A.95). *Palaeohispanica*. Zaragoza. 3, p. 129-135.
- MACHADO, J. P. (1984) - *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*, 3. Lisboa: Confluência.
- MARQUES, M. G.; COSTA, C. M. da; CABRAL, J. M. P.; ARAÚJO, M. de F. D. (1998) - Tremisses visigodos inéditos. In *IV Congresso Nacional de Numismática. Actas*. Lisboa: Associação Numismática de Portugal, p. 99-118.
- MICHELENA, L. (1954/1985) - De onomástica aquitana. *Pirineos*. Jaca. p. 409-455 [= *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, p. 409-445].
- MICHELENA, L. (1969/1987) - Notas lingüísticas a "Colección diplomática de Irache". *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 1, p. 1-59 [= *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, p. 87-140].
- MICHELENA, L. (1977²) - *Fonética histórica vasca*. 2.^a ed. San Sebastián-Donostia: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA, L. (1997⁵) - *Apellidos vascos*. 5.^a ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, J. (1975) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, J. (1990) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: Die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, J. (1997) - *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MORET, P. (2004) - *Ethnos ou ethnie? Avatars anciens et modernes des noms de peuples ibères*. In CRUZ ANDREOTTI, G.; MORA SERRANO, B., eds. - *Identidades étnicas – Identidades políticas en el mundo prerromano hispano*. Málaga: Universidad, p. 33-62.
- NIETO BALLESTER, E. (1997) - *Breve diccionario de topónimos españoles*. Madrid: Alianza.
- OTIÑA, P.; RUIZ DE ARBULO, J. (2000) - De Cese a Tàrraco. Evidencias y reflexiones sobre la Tarragona ibérica y el proceso de romanización. *Empúries*. Barcelona. 52, p. 107-136.
- PANOSA, M.^a I. (1996) - Elementos sobre la fase de bilingüismo y latinización de la población ibérica. In VILLAR, F.; ENCARNACÃO, J. d', eds. - *La Hispania prerromana. Actas del VI Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Coimbra, 13-15 de octubre de 1994)*. Salamanca: Universidad; Coimbra: Universidade, p. 217-246.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (1996) - Las cecas catalanas y la organización territorial romano-republicana. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 69, p. 37-56.
- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2000) - *Ciuitates* y etnias epónimos [sic] en el área ibérica: las excepciones (*Contestani, Lacetani, Cerretani*). *Florentia Iliberritana*. Granada. 11, p. 195-213.

- PÉREZ ALMOGUERA, A. (2001) - Las ciudades del Occidente de Cataluña de César a los Flavios. In HERNÁNDEZ GUERRA, L.; SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L.; SOLANA SAINZ, eds. - *La Península Ibérica hace 2000 años: actas del I Congreso Internacional de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, p. 275-281.
- PÉREZ OROZCO, S. (1993) - Observaciones sobre los sufijos ibéricos. *Fontes Linguae Vasconum*. Pamplona. 63, p. 221-229.
- PÉREZ VILATELA, L. (1992) - Ibérico “egiar” en un epígrafe de Caminreal (Teruel). In *Estudios de arqueología ibérica y romana. Homenaje a Enrique Pla Ballester*. Valencia: Diputación, p. 351-360.
- PÉREZ VILATELA, L. (1994a) - *Estudios de hidronimia y toponimia antigua castellanense*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- PÉREZ VILATELA, L. (1994b) - *Onus(s)a*: toponimia y comercio antiguos en el litoral del Maestrazgo. *Polis*. Alcalá de Henares. 6, p. 269-304.
- PÉREZ VILATELA, L. (2003) - *Historia general del Reino de Valencia. II: Edad Antigua*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- PIRAS, G. (2004) - Un miles della *cohors III Aquitanorum* in un'iscrizione funeraria proveniente da Ardara (Sassari): nota preliminare. In KHANOUSSI, M.; RUGGERI, P.; VISMARA, C., eds. - *L'Africa romana. Ai confini dell'Impero: contatti, scambi, conflitti. Atti del XV Convegno di Studio, Tozeur, 11-15 dicembre 2002*. Roma: Carocci, p. 1543-1556.
- QUETGLAS, P. J. (2005) - César y el *Corpus Caesianum*. In MELCHOR GIL, E.; MELLADO RODRÍGUEZ, J.; RODRÍGUEZ NEILA, J. F., eds. - *Julio César y Córdoba: tiempo y espacio en la campaña de Munda (49-45 a.C.)*. Actas del Simposio organizado por la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba y el Departamento de Ciencias de la Antigüedad y de la Edad Media (Áreas de Historia Antigua y Filología Latina), Córdoba, 21-25 de abril de 2003. Córdoba: Universidad, p. 139-164.
- QUINTANILLA, A. (1993) - Sobre el vocalismo de la lengua ibérica. In UNTERMANN, J.; VILLAR, F., eds. - *Lengua y cultura en la Hispania prerromana. Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, p. 727-737.
- QUINTANILLA, A. (1998) - *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RIVAS QUINTAS, E. (1991) - *Onomástica personal do Noroeste hispano*. Lugo: Alvarellos.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1995) - *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (1997) - Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. Teruel. 16, p. 189-197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) - Nuevas observaciones de crono-paleografía ibérica levantina. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 73, p. 43-57.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2000) [2001] - Aproximación fonético-estadística a los compuestos nominales de la lengua ibérica. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 21, p. 259-270.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001) - Aspectos de la morfología de los formantes segundos de los compuestos de tipo onomástico en la lengua ibérica. *Faventia*. Barcelona. 23:1, p. 7-19.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002a) [2003a] - Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua ibérica. *Cypsel*. Girona. 14, p. 251-275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002b) [2003b] - Problemas y cuestiones metodológicas en la identificación de los compuestos de tipo onomástico de la lengua ibérica. *Arse*. Sagunto. 36, p. 15-50.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002c) [2003c] - The lexeme *arís* in the Iberian onomastic system and language. *Beiträge zur Namenforschung*. Heidelberg. Neue Folge. 37:3, p. 245-277.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2001-2002) [2003] - Okelakom, Sekeida, Bolsken. *Kalathos*. Teruel. 20-21, p. 429-434.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2003) - Refutación de las abusivas invectivas de Faria contra mí. [<http://www.webpersonal.net/jrr/refutacion.htm>] (consulta de 21-07-03).
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002-2003) [2004] - Revisión de lagunas lecturas de las inscripciones íberas levantinas no monetales publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Pyrenae*. Barcelona. 33-34, p. 365-373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004a) - *Análisis de epigrafía íbera*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2004b) - Sobre los fonemas sibilantes de la lengua ibérica. *Habis*. Sevilla. 35, p. 135-150.
- RODRÍGUEZ RAMOS, J. (2002-2003) [2005] - ¿Existe el doble sufijo de “genitivo” -ar-en en la lengua ibérica?. *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*. Castelló. 23, p. 251-255.
- SÁEZ BOLAÑO, J. A.; BLANCO VILLERO, J. M. (2001) - *Las monedas de la Bética romana, II: Conventus Hispalensis*. San Fernando (Cádiz): Numismática Ávila.
- SANMARTÍ-GREGO, E. (1988) - Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion. *Revue Archéologique de Narbonne*. Montpellier. 21, p. 95-113.
- SANMARTÍ, J.; VELAZA, J.; MORER, J. (2003-2004) - Un ponderal amb inscripció ibèrica del poblat d'Alorda Park (Calafell). *Fonaments*. Barcelona. 10-11, p. 321-332.
- SAYAS, J. J. (1994) - *Los Vascos en la Antigüedad*. Madrid: Cátedra.
- SCHMOLL, U. (1959) - *Die Sprachen der vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SCHUCHARDT, H. (1909) - Iberische Personennamen. *Revista Internacional de Estudios Vascos*. Paris. 3:3, p. 237-247.

- SILES, J. (1979) - Über die Sibilanten in iberischer Schrift. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 81-99.
- SILES, J. (1985) - *Léxico de inscripciones ibéricas*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- SILES, J. (1986) - Sobre la epigrafía ibérica. In *Reunión sobre epigrafía hispánica de época romano-republicana*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 17-42.
- SILGO GAUCHE, L. (1992) - *Textos ibéricos valencianos (Contestania, Edetania, Ilercavonia)*. Tese policopiada. Valencia: Universidad.
- SILGO GAUCHE, L. (1994) - *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, L. (2000) - [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 279-293.
- SOLIER, Y. (1979) - Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 12, p. 55-123.
- SOLIN, H. (2003) - Analecta epigraphica CCVII. Nochmals weitere neue Cognomina. *Arctos*. Helsinki, p. 173-205.
- TIR, J-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja J-30: Valencia. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Corduba, Hispalis, Carthago Nova, Astigi. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Ciencia y Tecnología-Ministerio de Educación y Cultura, 2000 [2002].
- TIR, K-30 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K-30: Madrid. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Caesaraugusta-Clunia. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente-Ministerio de Cultura, 1993.
- TIR, K/J-31 = TABVLA IMPERII ROMANI (Comité Español): Hoja K/J-31: Pyrénées Orientales - Baleares. Sobre la base cartográfica a escala 1:1.000.000 del IGN. Tarraco - Baliares. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Ministerio de Fomento-Ministerio de Educación y Cultura-Institut d'Estudis Catalans, 1997.
- TOLOSA LEAL, A. (2000) - Sobre formas verbales ibéricas en -in. In *Estudios varios*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 143-147.
- TOVAR, A. (1951) - Léxico de las inscripciones ibéricas (celtibérico e ibérico). In *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, Tomo II. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, p. 273-323.
- TOVAR, A. (1989) - *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden: Valentin Koerner.
- TRASK, R. L. (1997) - *The History of Basque*. London-New York: Routledge.
- UNTERMANN, J. (1979) - Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR, A. [et al.], eds. - *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17-19 junio 1976)*. Salamanca: Universidad, p. 41-67.
- UNTERMANN, J. (1992a) - Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica. *Complutum*. Madrid. 2-3, p. 19-33.
- UNTERMANN, J. (1992b) - Quelle langue parlait-on dans l'Hérault pendant l'Antiquité?. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Montpellier. 25, p. 19-27.
- UNTERMANN, J. (1996) - Los plomos ibéricos: estado actual de su interpretación. In *Las lenguas paleohispánicas en su entorno cultural (Curso da la U.I.M.P.P. - Valencia, 4/9-X-1993)*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, p. 75-108.
- VALLEJO, J. (1946) - Sobre la Otagesa de César, *Bell. Ciu* I, 61, 68 y 70. *Emerita*. Madrid. 14, p. 259-272.
- VALLEJO, J. (1947) - De re iberica. *Emerita*. Madrid. 15, p. 207-214.
- VALLEJO RUIZ, J. M.^a (2001) - Las fuentes literarias y la epigrafía: el caso de la onomástica personal. In HERNÁNDEZ GUERRA, L.; SAGREDO SAN EUSTAQUIO, L.; SOLANA SAINZ, J. M.^a, eds. - *La Península Ibérica hace 2000 años: actas del I Congreso Internacional de Historia Antigua*. Valladolid: Universidad, p. 401-407.
- VELAZA, J. (1991) - Consideraciones en torno a la inscripción ibérica de Caminreal. *AIΩN*. Napoli. 13, p. 291-295.
- VELAZA, J. (1995) - Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN, F., ed. - *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. - I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución "Fernando el Católico", p. 209-218.
- VELAZA, J. (1996) - *Epigrafía y lengua ibéricas*. Madrid: Arco Libros.
- VELAZA, J. (2004) [2005] - Dos nuevos plomos ibéricos en una colección privada. *Palaeohispanica*. Zaragoza. 4, p. 251-261.
- VILLAR, F. (2000) - *Indoeuropeos y no indoeuropeos en la Hispania Prerromana: las poblaciones y las lenguas prerromanas de Andalucía, Cataluña y Aragón según la información que nos proporciona la toponimia*. Salamanca: Universidad.
- VILLAR, F. (2002) - El topónimo de la ceca *Bentia* y la lengua de los vascones. In CRESPO ORTIZ DE ZÁRATE, S.; ALONSO ÁVILA, Á., eds. - *Scripta antiqua in honorem Ángel Montenegro Duque et José María Blázquez Martínez*. Valladolid: Los Coordinadores, p. 183-194.
- VILLARONGA, L. (1996) - Les dracmes ibériques d'Erokisa. *Acta Numismática*. Barcelona. 26, p. 55-66.